

TRUMP DOBRA O ARCO DA HISTÓRIA NA ÁSIA OCIDENTAL (PARTE I)

Por M. K. Bhadrakumar*



Imagem gerada por inteligência artificial.

Em termos estratégicos, as políticas regionais sauditas mudaram e a estratégia de décadas dos EUA e Israel para isolar Teerã não está mais funcionando.

A REVOLUÇÃO ISLÂMICA DO IRÃ ESTÁ EM TRANSIÇÃO

Minha visita de uma semana a Teerã para observar a eleição presidencial em junho passado foi uma revelação. Eu podia sentir, sem sombra de dúvida, que o Irã estava à beira de mudanças profundas. O país, que eu conhecia profissionalmente há décadas, desde a Revolução Islâmica em 1979, estava cheio de grandes expectativas de uma mudança radical de curso.

O sinal mais seguro disso foi o encorajamento tácito do Líder Supremo Aiatolá Khamenei para a candidatura reformista de Masoud Pezeshkian. Um dos fracassos colossais da política ocidental em relação ao Irã tem sido, ao longo do tempo, suas noções estereotipadas sobre o Irã, que são mais evidentes na relutância em apreciar o papel de Khamenei. Khamenei percebe que o país está clamando por mudanças. O ponto é que, por um lado, o Irã está quase na liga das grandes potências com sua tecnologia militar desenvolvida localmente, que evidencia a sua maestria em tecnologia, pesquisa e inovação e capacidade de produção em escala industrial, mas com uma economia, por outro lado, em apuros e as pessoas

comuns enfrentando um declínio constante em seu poder de compra e qualidade de vida.

Khamenei deduziu que chegou a hora de uma transição pacífica e ordenada dentro do sistema islâmico, o que exigia unidade nacional. Em Pezeshkian, Khamenei viu um político com histórico imaculado de probidade na vida pública e de fortes convicções. Vindo de uma família azeri-curda, a compreensão de Pezeshkian da alquimia necessária na governança para criar unidade na diversidade em uma sociedade plural como o Irã é inigualável.

Acima de tudo, ele é um homem profundamente religioso, professor do Alcorão e um recitador do *Nahj al-balagha*, um texto-chave para os muçulmanos xiitas, que está comprometido com o sistema islâmico de *Velayat-e faqih*, baseado no princípio da tutela dos juristas islâmicos. Khamenei viu nele um político raro que pode transpor a divisão política entre as facções reformista e conservadora e, portanto, como a melhor esperança para energizar o sistema islâmico e renovar sua base de apoio (veja minha coluna intitulada [Reading tea leaves in Iran's election](#), *Deccan Herald*, 26 de junho de 2024).

Os programas de bate-papo noturnos na televisão são extremamente populares no Irã e particularmente no meio de uma campanha eleitoral animada, pois trouxeram à tona a pluralidade de opiniões políticas que surgiam – para as quais fui convidado a participar todos os dias. As principais correntes de pensamento na plataforma eleitoral do favorito Pezeshkian podem ser resumidas da seguinte forma:

- A maior prioridade é melhorar a economia, o que é melhor alcançado por meio do levantamento das sanções ocidentais;
- Um pré-requisito em tal direção requer a resolução da questão nuclear por meio de negociações com os EUA, o que é viável agora que o Irã é uma “potência nuclear limiar” com uma formidável capacidade de mísseis que já atua como dissuasora contra agressões estrangeiras;
- Decorrente do exposto acima, o Irã precisa se envolver com o Ocidente recalibrando as direções da política externa e a estratégia nacional para aumentar a confiança mútua;
- Uma presidência de Donald Trump seria o fator “X”, mas, mesmo assim, suas prioridades podem ser diferentes desta vez e, de qualquer forma, o Irã deve estar aberto a negociações com os EUA;
- A nação deseja reformas sociais e controvérsias como o *hijab* obrigatório devem ser evitadas, uma vez que criaram tensões e divisões na sociedade que abriram a porta para a interferência estrangeira, por meio da tolerância e paciência na plenitude do tempo, enquanto o controle estatal intrusivo para impor normas sociais é imprudente;

- A recuperação econômica exige a mudança para uma economia de mercado e, para fomentar o comércio e encorajar o investimento estrangeiro, é necessária uma abertura geral em áreas como a Internet, sistema de vistos, etc.;
- A ênfase do falecido presidente Ebrahim Raisi sobre os países do Golfo Pérsico serem o Primeiro Círculo do Irã em políticas externas foi um movimento fundamentalmente voltado para o futuro e precisa ser seguido – em particular, a criticidade de consolidar o ímpeto da reaproximação com a Arábia Saudita que também está em sincronia com a mudança histórica nas estratégias regionais sauditas encapsuladas na chamada Visão 2030 ancorada em uma economia próspera, dando as costas ao uso de grupos jihadistas extremistas como ferramenta geopolítica na Ásia Ocidental e empreendendo reformas sociais de natureza histórica para [modernizar o Reino](#).

O último ponto é extremamente importante no contexto atual, pois Teerã está comprometida com a reaproximação com a Arábia Saudita que foi [intermediada pela China](#). Isso não apenas reduziu as tensões bilaterais e apagou o conflito de interesses, sendo os exemplos mais recentes a aquiescência de Teerã com as mudanças na estrutura de poder na Síria e no Líbano, onde uma ascendência sunita palpável está em andamento – mas também encorajou os sauditas a diversificarem as políticas externas e sair da órbita dos EUA.

Em termos estratégicos, o Irã está ganhando na medida em que o lócus das políticas regionais sauditas mudou e a estratégia de décadas dos EUA e Israel para isolar Teerã não está mais funcionando. Os estados do Golfo Pérsico têm procurado [tranquilizar o Irã](#) sobre sua neutralidade em qualquer conflito com Israel. Novamente, a normalização do Irã com o Egito atesta a sua crescente aceitabilidade como parceiro regional pelos principais estados sunitas (veja [aqui](#) e [aqui](#)).

A amizade regional no Golfo Pérsico e a crescente dificuldade de reunir os estados árabes sunitas contra o Irã sem dúvida enervaram o governo Biden e Netanyahu. Em 2 de janeiro, a *Axios* divulgou a [história sensacionalista](#) de que o conselheiro de Segurança Nacional da Casa Branca, Jake Sullivan, apresentou recentemente ao presidente Joe Biden em uma reunião secreta opções para potenciais ataques americanos a instalações nucleares iranianas antes da posse de Donald Trump.

A *Axios* citou fontes admitindo que “a reunião não foi desencadeada por novas informações” e Biden ainda não havia tomado uma “decisão final”. A fonte da *Axios* chamou a reunião de parte de um “planejamento de cenário prudente”. Ou seja, não houve nenhuma contribuição de inteligência ou situação emergente para justificar um ataque ao Irã e Biden estava testando as águas – como ele costumava fazer em questões cruciais após dar sinal verde para uma mudança de política, como, por exemplo, dar caças F-16 ou mísseis ATACMS à Ucrânia, ou aprovação para atingir território russo.

Neste caso, não há grandes diferenças entre as posições de Biden e sua equipe, que está repleta de neocons radicais – especialmente Sullivan e o secretário de Estado Antony Blinken, os dois superfalções responsáveis por dar total apoio americano

ao primeiro-ministro Benjamin Netanyahu na busca de sua terrível guerra no Oeste Asiático que se estende de Gaza, Líbano e Síria ao Iêmen.

Netanyahu sonha há muito tempo com um ataque ao Irã para destruir a ascensão daquele país como potência regional, mas isso continua sendo um sonho sem o envolvimento direto dos EUA. É inteiramente concebível que Sullivan, que come nas mãos de Netanyahu, tenha agido a mando deste último e Biden provavelmente estava ciente disso.

De qualquer forma, em [outra reportagem](#) de acompanhamento em 6 de janeiro, a *Axios* revisitou o tópico para exagerar que uma opção militar contra o Irã se tornou “*uma possibilidade real*”. Curiosamente, a reportagem alegou que após uma reunião com Trump em novembro, o ministro de Assuntos Estratégicos de Israel, Ron Dermer, confidente próximo de Netanyahu, este último “*saiu pensando que havia uma grande probabilidade de Trump apoiar um ataque militar israelense contra as instalações nucleares do Irã – algo que os israelenses estão considerando seriamente – ou até mesmo ordenar um ataque dos EUA*”.

Os israelenses são grandes vigaristas e tal atribuição a Trump era factualmente injustificada, dada sua conhecida aversão a guerras. Simplificando, foi uma mentira branca e uma “guerra psicológica” grosseira com o objetivo de criar equívocos. Na verdade, a *Axios* observou como corretivo em sua reportagem que há um “*outro lado*”, já que “*outros próximos a Trump esperam que ele busque um acordo antes de considerar um ataque*” (contra o Irã).

Publicado no [Indian Punchline](#).

***M. K. Bhadrakumar** foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.
